

MEMÓRIA HISTÓRICA DE SÃO SEBASTIÃO (VII).

(Continuação).

VULTOS NOTÁVEIS E PRIMEIROS TRONCOS DA FAMÍLIA SEBASTIANENSE.

Como comprovante do que afirmamos na Introdução deste modesto trabalho, e muito de propósito, escolhemos o presente capítulo para a sua parte final.

Os habitantes da beira-mar, ao contrário do que se pensa, orgulham-se da terra que os serviu de berço, embora seja humilde, pobre e além de tudo constantemente ridicularizada.

E' proverbial o amor do praiano pela terra que o viu nascer. O sentimento "regionalista" não o é menor, como consequência disso.

E para provar o que dizemos é suficiente a recordação de um fato histórico: a criação de Arirí, no extremo sul do litoral paulista, quando a povoação de Ararapira passou a pertencer ao Estado do Paraná, por fôrça do laudo do sr. presidente da República, que na questão de divisas entre o mesmo e São Paulo, deu ganho de causa à aquêle.

Célebre, tornou-se o telegrama dos ararapirenses dirigido ao governo do Estado, em que, protestando contra a solução dada e a ordem para que acatassem as autoridades do Paraná (a que de então por diante deviam obedecer), respondiam assegurando que o território seria paranaense, não restava a menor dúvida, mas que, quanto a êles, passar-se-iam imediatamente para a margem oposta do rio Ararapira, porque, paulistas de nascimento, sob a bandeira paulista queriam morrer.

Foi das vilas do litoral que partiram as primeiras bandeiras paulistas que se internaram pelos sertões do Brasil. Foram elas a célula mater da civilização brasileira.

Quando a região planaltina nada mais era do que o "invisível sertão" povoado de feras brutas e de índios temerosos, apenas se constatava a existência das povoações da marinha, núcleos de onde partiam os primeiros povoadores, que audaciosamente transpunham as

âsperas serranias, dando caça ao aborígene, afastando-o para bem longe ou derrotando-o em contínuas sortidas.

Dessa região partiu a bandeira de Pero Lobo, a 1.º de setembro de 1531. Outras mais, para o norte, para o centro, para o sul, galhardamente devassaram os sertões, não se arreceiando da fera bravia nem do índio feroz, das febres malignas ou da fome que as assaltava, afrontando todos os perigos e sacrifícios.

Pioneiros da civilização, desbravadores de selvas, foram os praianos os primeiros plantadores de vilas e cidades que hoje se ostentam pelo interior e paragens longínquas.

A êles, a glória de um Brasil maior, pelo recúo da linha tor-desilhana. Daí o orgulho do habitante do litoral, orgulho que com razão conservam os sebastianenses, pela grande parte que lhes é devida.

Para enaltecê-los bastariam os vultos de Bartolomeu Paes de Abreu e de Silva Ortiz, pois que, descrever a vida de seus varões ilustres, seria tarefa que não comporta um trabalho como êste a que nos abalançamos.

Assim limitar-nos-emos à origem da família sebastianense, além de uma rápida notícia sôbre alguns dos seus filhos mais notáveis, para o que tivemos que compulsar todos os Maços de População, referentes aos anos de 1765 a 1810, valendo-nos também dêsse grande monumento que é a *Genealogia Paulistana*, de Silva Leme, obra indispensável aos que se dedicam ao estudo da história de São Paulo.

*

Diz Diogo de Vasconcelos em sua *História das Minas Gerais*, que Bartolomeu Bueno de Ribeira, o sevilhano, casou-se com d. Maria Pires, filha de Salvador Pires, fidalgo europeu e d. Maria Fernandes, bisneta do príncipe indígena Piquerobi.

Dêsse consórcio nasceram filhos notáveis, entre os quais Francisco Bueno da Ribeira, que em 1630 se casou com d. Filipa Vaz, filha de Francisco João Branco e d. Ana Cerqueira, tendo dois filhos: Ana Cerqueira e Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera.

Do consórcio de Bartolomeu Bueno da Silva com d. Ana de Gusmão nasceram entre outros filhos: D. Isabel Bueno, que se casou com João Leite da Silva Ortiz, natural de São Sebastião e d. Leonor de Gusmão, casada com Domingos Rodrigues do Prado.

Não menos ilustre era a estirpe de João Leite da Silva Ortiz, natural de São Sebastião como passamos a ver:

Antônio Rapozo Boccarro, — diz Diogo de Vasconcelos —, natural de Beja, veio na armada de dom Diogo Flores de Baldez, a

São Vicente, e em 1601 foi armado cavaleiro por D. Francisco de Souza, Governador Geral do Brasil, por decreto de el-rei Dom Filipe, como prêmio por relevantes serviços prestados à Corôa. Casou-se em São Paulo com d. Isabel de Góes.

Dêsse consórcio nasceram os seguintes filhos:

- 1 — Estêvão Boccarro
- 2 — Cel. João Rapozo Boccarro
- 3 — Antônio Rapozo Pegas
- 4 — Manuel de Góes Rapozo
- 5 — Pedro de Góes Rapozo
- 6 — Branca Rapozo
- 7 —
- 8 — Suzana de Góes
- 9 — Joana de Góes
- 10 — Isabel de Góes
- 11 — Maria de Góes
- 12 — Ana de Góes

Pedro Taques menciona um primeiro casamento de Antônio Rapozo com Antolina Requeixo de Peralta, natural de Castela e diz descender dêsse primeiro casamento a filha Antônia Requeixo de Peralta, que se casou em Santos com Gaspar Fernandes Palha, natural de Funchal, descendente de Rui Vaz.

Gaspar Fernandes Picam teve um filho, capitão Gaspar Picam, natural de Santos, que passou a morar em São Sebastião, onde se casou com d. Catarina de Oliveira, filha de Francisco de Escobar Ortiz e d. Inez de Oliveira Cotrim, que haviam vindo da Capitania do Espírito Santo para povoar a ilha de São Sebastião.

Do casamento do Capitão Gaspar Picam e d. Catarina de Oliveira Cotrim, filha de Francisco de Escobar Ortiz e Inez de Oliveira Cotrim, entre outros, nasceram os seguintes filhos:

1. — *Diogo de Escobar Ortiz*, casado com Potência Leite da Silva, filha de Bartolomeu Simões de Abreu e d. Isabel Paes da Silva;

2. — *Estêvão Rapozo Boccarro*, casado com d. Maria de Abreu Pedrozo Leme, irmão de d. Potência Leite da Silva;

3. — *Paula de Oliveira*, que se casou com d. Antônio Barbosa de Lima;

4. — *Antônia Paes de Queiroz*, que foi casada com Salvador de Oliveira d'Horta, em primeiras núpcias e depois com Mateus de Siqueira e Mendonça.

Estêvão Rapozo Boccarro, filho do Capitão Gaspar Picam, como vimos, era casado com d. Maria de Abreu Pedrozo Leme, sobrinha de Fernão Dias Paes Leme e tataraneta de Braz Cubas, como o diz o dr. Afonso de Taunay.

Dêste ilustre casal nasceram os seguintes filhos:

- 1 — Pedro Dias Rapozo
- 2 — Estêvão Rapozo
- 3 — João Leite da Silva Ortiz
- 4 — Diogo de Escobar Ortiz
- 5 — Capitão Bartolomeu Paes de Abreu
- 6 — Bento Paes da Silva
- 7 — Inez de Oliveira Cotrim
- 8 — Verônica Dias Leite
- 9 — Isabel Paes da Silva
- 10 — Catarina de Oliveira Cotrim
- 11 — Antônia Requeixo de Peralta
- 12 — Leonor Corrêa de Abreu

1. — *Pedro Dias Rapozo*, casado pela primeira vez com Isabel de Ribeira da Silva Bueno e da segunda com Rosa da Apresentação, filha do sargento-mor Manuel Gomes Marzagão.

Do primeiro casamento teve um filho, Domingos Bueno Pereira e duas filhas, Maria Tereza e Isabel; do segundo, o filho único José Dias Paes.

2. — *Estêvão Rapozo Boccarro*, que recebeu o nome do próprio pai, estabeleceu-se nos Currais da Bahia com grandes fazendas de gado vacum. Foi grande sertanista e conquistador de índios. Paes Leme diz ignorar o nome de sua mulher, citando apenas o dos filhos Francisca Leite, Rita Leite e mais um filho que foi assassinado por seus cunhados nos Currais da Bahia.

3. — *João Leite da Silva Ortiz*, que foi casado com Isabel Bueno da Silva, filha do Anhanguera, Bartolomeu Bueno da Silva. Faleceu em 1730. Dêsse consórcio teve os seguintes filhos: Bartolomeu Bueno da Silva, Estêvão Rapozo Boccarro, que faleceu em Goiás; Tereza Leite da Silva, Quitéria Leite, que se casou em Goiás com Antônio Cardoso de Campos, guarda-mor das terras dos Crixás.

Da vida agitada dêste grande sertanista poder-seiam escrever muitos volumes. Preferimos, para resumí-la, transcrever a notícia que do mesmo nos dá o genealogista Luís Gonzaga da Silva Leme, encaminhando o leitor para o magnífico trabalho de Diogo de Vasconcelos, que em sua *História das Minas Gerais* trata pormenorizadamente do ilustre sebastianense. Diz Silva Leme:

“Acompanhou seu sogro Bartolomeu Bueno, no descobrimento das ditas minas (de Goiás) no caráter de sócio e de futuro sucessor.

Depois de descobertas as Minas em 1775, sendo então João Leite guarda-mor delas, foi movida uma perseguição pelo governador Antônio da Silva Caldeira Pimentel, contra João Leite e seu irmão o Capitão Bartolomeu Paes (que se achava em São Paulo, como seu procurador) com o fim de anular os privilégios e mercês que de direito e pelo contrato lhes pertenciam, em consequência do descobrimento das ditas minas.

Resolveu o guarda-mor João Leite da Silva partir para Portugal, a fim de expor pessoalmente ao rei os seus direitos, e, ao mesmo tempo, fazê-lo ciente dos desmandos do novo governador e do descaminho dos reais quintos pelo seu cúmplice Sebastião Fernandes do Rego.

Partiu para Bahia a alcançar a frota; porém esta já tinha saído; da Bahia embarcou para Pernambuco onde foi recebido com os aplausos de tôdas as pessoas gradas, que reconheciam os seus merecimentos e os grandes serviços prestados no descobrimento das minas do sertão de Goiás.

Entretanto, o ódio do governador de São Paulo o acompanhava e foi envenenado em Pernambuco em 1730 e aí faleceu”.

Do seu matrimônio ficaram os quatro filhos: Bartolomeu Bueno da Silva, que o acompanhou na viagem a Portugal, onde devia estudar em Coimbra, tendo falecido de bexigas ainda a bordo e sendo seu cadáver lançado ao mar; Estêvão Rapozo Boccarro, que faleceu solteiro em Goiás; Tereza Leite da Silva, que se casou em Araçariguama, com Januário de Godói Moreira; Quitéria Leite da Silva, que se casou em Vila Boa de Goiás com Antônio Cardoso de Campos, capitão de cavalos do regimento das ditas minas e guarda-mor das terras do Arraial dos Crixás, onde foi juiz ordinário.

4. — *Diogo de Escobar Ortiz*, faleceu em São Sebastião. Era casado com Catarina Nunes de Freitas, tendo tido os seguintes filhos: Maria de Escobar, moradora em Goiás, casada com Gaspar Luís Pereira; Francisca Leite da Silva, casada com Domingos Gomes Marzagão; Catarina Paes, casada com Bento de Souza Coutinho; Josefa Luisa de Freitas, casada com o capitão-mor Clemente Paes Pereira.

5. — *Bartolomeu Paes de Abreu*, também natural de São Sebastião, casado em primeiras núpcias com d. Maria Gomes de Moraes, filha de Gaspar Gomes de Moraes, sem descendência e em segundas núpcias, a 17 de setembro de 1701, com d. Leonor de Siqueira Paes, filha do capitão-mor Pedro Taques de Almeida.

“Foi sócio de seu irmão João Leite da Silva Ortiz e de Bartolomeu Bueno da Silva (o anhangüera) no grande empreendimento da descoberta das minas; porém, não foi com êles ao sertão, ficando em São Paulo, para prover e remeter tudo quanto era necessário a seus companheiros, que executavam êsse descobrimento. Foi com seu irmão, o guarda-mor João Leite, alvo da perseguição de Antônio da Silva Caldeira Pimentel, e, enquanto o guarda-mor se dirigia a Portugal, ficou prêso no calabouço da fortaleza da barra de Santos, sem licença de comunicar-se com seu irmão, nem ao menos para dar-lhe informações sôbre a parte dos negócios a seu cargo, referentes à descoberta das minas...”.

O Capitão Bartolomeu Paes foi juiz ordinário em 1705 em São Paulo e ocupou os cargos da república. Foi o primeiro capitão de São Paulo em 1712, Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, o qual, na patente que passou ao capitão Bartolomeu Paes, fêz menção da nobreza e dos serviços que tinha prestado ao dito capitão, à custa de sua fazenda e risco de vida, à real Corôa.

Faleceu em São Paulo, a 1.º de dezembro de 1738, havendo tido os seguintes filhos: Maria Paes Leme, que se casou com Manuel Dias da Silva, Escolástica Paes da Silva, regente do recolhimento de Santa Tereza; Bento Paes da Silva, formado pela Universidade de Coimbra, tendo falecido afogado em 1738 junto à Tracaria; o sargento-mor Pedro Taques de Almeida Paes Leme, natural de São Paulo, foi sargento-mor do regimento da nobreza de São Paulo, guarda-mor das minas de ouro da mesma cidade e seu térmo.

Foi casado com Maria Eufrásia de Castro Lomba, em primeiras núpcias; depois da sua morte, com Ana Felizardo Xavier da Silva, e, pela terceira vez, consorciou-se ainda com Inácia Maria da Anunciação e Silva.

Foi autor da *Nobiliarchia Paulistana* e escritor consciencioso em suas indagações históricas.

6. — *Bento Paes da Silva*, casado com... teve dois filhos: João Paes e Gregório de Castro Corrêa.

7. — *Inez de Oliveira Cotrim*, que se casou com Antônio de Faria Sodré, irmão do padre João de Faria Fialho, tendo os seguintes filhos: Miguel de Faria Sodré e João Leite da Silva Sodré, casado em São Sebastião, com Beatriz da Silva, de cujo consórcio houveram os filhos: Inez de Oliveira Leite, que se casou com o capitão-mor Julião de Moura Negrão; Inácia Pinheiro, casada com o capitão Domingos Borges da Silva (de São Sebastião); Mônica Pinheiro, casada com Mateus Barbosa de Carvalho; Maria Leite, casada com o alferes Domingos Lopes de Azevedo, filho do sargento-mor João

Nunes de Freitas; Jordão Homem Pedroso, casado com Ana Pedroso de Moraes, filha do sargento-mor João Nunes de Freitas; Sebastião Pinheiro Leite, casado em São Sebastião com Bárbara Moreira, filha do coronel Manuel Álvares de Moraes Navarro; João Pinheiro Leite, que faleceu quando estudante.

8. — *Verônica Dias Raposo*, casou-se com Miguel Dias Martins, falecendo em 1733, sem geração.

9. — *Isabel Paes da Silva*, foi casada com Manuel André Viana, tendo os seguintes filhos: Maria de Abreu Pedroso, casada com Gaspar Ferreira de Mores, irmão do capitão-mor Julião de Moura Negrão; Francisca Leite de Escobar, casada com Bento de Oliveira Souto.

10. — *Catarina de Oliveira Cotrim*, foi casada com o capitão Marcos Soares de Faria, tendo os seguintes filhos: Lopo Soares de Faria, Matias, Jorge, José, Diogo e Leonor Soares de Faria, que se casou com João Nunes das Neves.

11. — *Antônia Requeixo de Peralta*, foi casada com Salvador Nunes.

12. — *Leonor Corrêa de Abreu*, casada com José Dias da Silva.

*

Eis aí em resumo, segundo Paes Leme, a origem de um dos troncos da família sebastianense.

Sobre a vida de Bartolomeu Paes de Abreu bem como de seu irmão João Leite da Silva Ortiz, chamamos a preciosa atenção dos leitores para o magnífico trabalho do grande mestre e autor da *História Geral das Bandeiras*, dr. Afonso d'E. Taunay, trabalho que não deve nem pode ser desconhecido dos filhos de São Sebastião, e que se encontra no Tomo I dos *Annaes do Museu Paulista*, volume comemorativo do primeiro centenário da independência nacional. Obra de inestimável valor, a biografia de Bartolomeu Paes de Abreu constitui belíssima página da história do bandeirismo em São Paulo (1674-1738) descrita pelo príncipe dos nossos historiadores que a concretizou em dezoito magníficos capítulos, que vão das páginas 418 a 519. E' um estudo digno de ser lido.

*

José Adorno, natural da Itália, foi um dos primeiros povoadores de São Vicente, a quem Martim Afonso concedeu uma das maiores sesmarias.

Mais tarde foram-lhe concedidas outras entre as quais uma em São Sebastião, no ano de 1580.

Também Antônio Adorno gozou de igual concessão, recebendo por sesmaria uma parte de terra junto ao Toque-Toque.

Eram êles pessoas importantes, que, com suas fazendas, haviam ajudado a defender a Capitania de São Vicente, como alegaram em suas petições.

Dessa família encontramos descendentes, de 1776 em diante, como fôsem: José Adorno, que nessa data contava 42 anos de idade, casado com Maria da Escórcia, de 39, tendo os seguintes filhos: Gabriel, José, Antônio, Rosa, Maria e Ângelo Adorno.

Outro representante da mesma família era Pedro Adorno já viúvo, com 78 anos, tendo em sua companhia apenas uma neta de nome Ana, de 15 anos.

Domingos Adorno, casado com Maria Rodrigues, tendo um filho chamado Antônio.

Vários representantes ainda existiam, como outro Pedro Adorno, que em 1777 contava 41 anos e era casado com Ana Maria, de cujo casamento haviam os seguintes filhos: Sebastião, Manuel, Antônio, José, Mariana e Maria Adorno.

No ano seguinte (1778) aparece-nos ainda Ana Adorno dos Reis, viúva, de 61 anos de idade, com dois filhos: Joana e Bárbara.

Como disse Azevedo Marques, José Adorno deixou numerosa descendência em São Paulo, mas perdeu o apelido pelas alianças de família.

*

Entre as mais importantes famílias sebastianenses, naturalmente originárias dêsses ramos até princípios do século XIX — citaremos as de: Paes Abreu, Teixeira Chaves, Ribeiro de Escobar, Ayres Aguirra, Ayres Garcez, Costa Ribeiro, Moura Negrão, Pinto Gaya, Cotrim, Freitas, Homem Coutinho, Bueno, Pedrozo do Prado, Pinto da Costa, Nunes, Pires e Pires da Mota, Moraes Avelar, Silva Cruz, Barbosa, Fernandes, Lopes de Siqueira, Furtado, Novaes, Tôrres, Afonseca, Pinto Rosado, Pinto do Rêgo, Mota Moreira, Dias Pedrozo, Soares, Santos, Rodrigues Melo, Sene, Mota Paes e muitas outras, como as que mencionamos no tronco principal a que pertenciam João Leite da Silva Ortiz, Marzagão, Clemente Paes e as de que tratamos ligeiramente nos capítulos sôbre capitães, sargentos-mores e vigários da localidade.

Nos mapas da população da antiga vila de São Sebastião, referentes ao ano de 1776, encontramos ainda João Leite da Silva,

de 50 anos, casado com Maria Egipciana, de 38, com 8 filhos, sendo Maria, a mais velha, de 24 anos; Ana, Joaquim, Ângela, Josefa, Francisca, José e Francisco, com um ano apenas.

*

Entre os vultos mais notáveis, aqui deixamos de citar nomes como os de Mota Leite e Francisco de Escobar, fundadores da povoação, aos quais já tivemos ocasião de referirmos quando tratamos da povoação em seus princípios.

Dos mapas que cuidadosamente examinamos (1765-1830) extraímos o seguinte resumo genealógico:

1765

Diogo de Escobar Ortiz	— solteiro,	26 anos de idade
Domingos Gomes Marzagão	— 51 anos	Filhos — 7
Catarina da Conceição	— 29 "	
João Corrêa Marzagão	— 47 anos	Filhos — Ana, Amaro, Diogo, Mariana, Maria, Purcina.
Maria Manuel da Cruz	— 39 "	
Domingos Afonso Gaia	— 87 anos	Filhos — 3
Verônica Pires da Mota	— 87 "	
Gabriel Ayres de Aguirra	— 66 anos	Filhos — 6
Francisca Maria Buena	— 40 "	
João da Mota	— 18 anos	
Luisa Mariana	— 19 "	
Inácio Borges de Faria	— 40 anos	Filhos — Francisco, Maria,
Catarina Nunes	— 28 "	José.
Miguel Lopes Nunes	— 33 anos	Filho — João
Maria Borges	— 23 "	
José Ayres de Aguirra	— 40 anos	Filhos — Florinda, Joaquim
Viúvo		
Antônio Pinto Gaia	— 63 anos	Filhos — Antônio, Margarida, José, Manuel
Maria do Amparo	— 25 "	
João Roiz de Aguirra	— 45 anos	Filha — Margarida
Joana da Rosa	— 23 "	
André Ayres de Aguirra	— 34 anos	Filho — Manuel
Ana Pinheiro	— 23 "	
Diogo Corrêa Marzagão	— 61 anos	Filhos — 7
Inez de Andrade	— 56 "	
João Corrêa Marzagão		Filhos — 2
Antônia Maria		
João Ayres de Aguirra	— 26 anos	Filhos — Joaquim, Maria
Inez de Oliveira	— 20 "	
Diogo da Silva Bravo	— 38 anos	Filhos — Narcisa, Margarida, Diogo, João, Helena, Maria, Carlos, Pedro, Mariano, Te-reza
Maria da Assunção	— 36 "	
Julião de Moura Negrão	— 38 anos	Filhos — 12
Inez de Oliveira Leite	— 36 "	

Julião de Moura Negrão — 67 anos Filhos — Sarg.-mor Barbo-
Inez de Oliveira Leite — 55 " sa, Inácia Gomes de
Moraes

1775

Manuel Lopes da Ressurreição

Ana Josefa Barbosa

Clemente Paes Pereira — 65 anos Filhos — Luciano, Manuel,
Josefa Luzia de Freitas — 55 " Emerenciana

1777

Manuel Corrêa de Mesquita — 40 anos Filhos — Manuel, Ana

Teolinda Ribeira — 33 "

Antônio Moreira Filho — Domingos

1778

José de Moura Negrão — 36 anos Filhos — Ana, Eugênia

Maria da Gaya — 24 "

1782

Sebastião Fernandes de Oliveira

Leonor Mendes da Cruz

José Ramos de Andrade

Joaquina de Macedo

José da Silva Veiga — 34 anos Filhos — José, Manuel,

Maria Garcia de Nazaré — 34 " Joaquim, Davi, Pau-
la, Maria, Catarina

Matias Soares Novaes

Flórida Fonseca do Amaral

1785

Bento Francisco Vaz de Carvalhaes

Ana Barbosa

1796

Diogo Corrêa Marzagam — 43 anos

Maria Castanha — 27 "

Francisco Ribeiro da Fonseca — 26 anos

Ana Ribeira de Escobar — 47 "

Antônio da Mota — 35 anos

Maria Gomes — 40 "

Eloi de Moura Negrão — 35 anos Filhos — Eloi, Manuel

Maria Caetana — 29 "

Francisco José Negrão — 25 anos Filhos — Manuel, Maria

Maria Leite — 20 "

Francisco Ribeiro de Escobar — 46 anos Filhos — Manuel, José, An-
tônio, Francisca,

Maria Angélica — 43 " Ana, Maria, Augus-
ta, Rita

1801

Otávio Mariano Negrão — 39 anos Filhos — Otávio, Maria,

Tereza Maria de Jesus — 22 " Inez.

José Jacinto do Rego		Filhos — José, Antônia,
Floriana Rosa		Rosa, Miquelina
Francisco José Negrão	— 41 anos	Filhos — Manuel, Maria,
Maria Leite	— 38 "	Francisca, José
Eloi de Moura Negrão	— 43 anos	Filhos — Eloi, Manuel,
Maria Caetana	— 33 "	Bento, José, Julião,
		Maria
José Negrão	— 58 anos	Filhos — Francisco, José,
Maria Joana	— 50 "	Antônio, Ana, Eugê-
		nia, Maria, Emeren-
		ciana, Maria, Rita
José Francisco de Moura	— 71 anos	Filhos — Joaquim, Manuel,
Rita Maria	— 57 "	Antônio, Francisco,
		Ana, Maria, Josefa
Julião de Moura Negrão	— 73 anos	Filhos — Teolinda, Rosa,
Inês Gomes de Moraes	— 73 "	Antônia
	1803	
José Corrêa Marzagam		
Ana Maria de Jesus		
Julião de Moura Negrão	— 46 anos	Filhos — Maria, Julião
Maria Escolástica	— 51 "	
	1805	
Alexandre Pacheco Soares		Filhos — Justiniano, Ma-
Ana Joaquina da Silva		nuel, Alexandre,
		Francisca
	1830	
João Alvares da Cruz	— 40 anos	Filhos — João, Manuel
Florentina	— 23 "	
	*	
	* *	

UMA LENDA INTERESSANTE.

A ilha de São Sebastião somente no ano de 1806 passou a constituir nova freguesia, separando-se da vila de São Sebastião a que pertencia.

Até essa data, porém, estava sob a jurisdição desta.

E foi muitos anos antes, quando nem mesmo se cogitava ainda da criação da nova vila que surgiu a lenda interessante das *pedras dos sinos*, lenda sebastianense, portanto, e que para aqui trasladamos.

Era uma noite bela do ano de 1730 (1). O céu esfacelava-se em brilhos, a chover fagulhas esplêndidas por todos os recantos ilu-

(1). — Há evidente engano, quanto a essa data, porque, segundo um documento existente na Igreja de Iguape e cópia transcrita no Livro do Tombo, o aparecimento da Imagem do Bom Jesus teve lugar em fins do ano de 1647 e não em 1730, quando o licenciado Padre Manuel do Vale Palhano, visitador, mandou fôsse o mesmo fato publicado naquela Matriz.

minados das profundezas misteriosas, enquanto a lua, pálida, rolava pelo espaço em meio de uma natureza tôda luz e encantos.

Foi nessa noite de mágicos esplendores e de celestiais alegrias que se deu o fato formador da lenda.

Fundeados em frente à praia, alguns pescadores estavam quase a concluir o labor de tôdas as noites.

Alçavam já os remos para o regresso aos lares, quando, em meio do silêncio, estatelados, mudos, ficaram quedos e apavorados, com o olhar e ouvidos presos à terra que próxima lhes aparecia como que iluminada por um clarão estranho. . .

Sons plangentes, harmoniosos, elevavam-se da praia fronteira, como que revelando-lhes incompreensíveis mistérios.

Eram vozes confusas que se misturavam com o marulhar das vagas, doces harmonias que bailavam no ar, soltando ao vento cantilenas festivas como o planger dos sinos em noites silenciosas.

Nesse instante, porém, a surprêsa atingiu ao auge.

Do extremo da baía, onde a casaria branca do vilarejo de São Sebastião se espelhava nas águas como a garça adormecida junto à praia, também os sinos da igreja branca lançavam para os céus, como em noites festivas, os seus plangentes sons. . .

Era um hino, a saudar algum celeste enviado, que por ali passava iluminado pelo fulgor dos astros.

E os pobres homens do mar, tranzidos de terror, como estátuas, de pé no fundo da canoa, estarecidos se entreolhavam.

— Que misteriosa fôrça os faria planger na calada da noite?

— Quem os faria bimbalar assim? Na vila havia sinos. . . mas, na praia em que moravam, apenas pobres choupanas se erguiam, cercadas de jussaras e cobertas de fôlhas de palmeiras. . .

E como os alcatrazes, que num vôo rápido se alongam pelo oceano em fora, — erguendo a poita, ao largo se fizeram para aguardar a aurora.

O mar, iluminado pelo clarão da lua, arfava docemente a balouçar a canoa no seu dorso.

Apenas uma brisa doce encrespava as vagas de esmeraldas, quando, lançando o olhar distante, na linha do horizonte, divisaram bem junto à flor das águas um quadro portentoso.

Levadas pela corrente, seis luzes navegavam para o Sul. . .

— De onde viriam elas? Que mãos ocultas as moviam? Mistério! . . .

E cheios de terror, os pescadores viram-nas singrando longe, muito longe. . . tendo a envolvê-las um clarão divino, — clarão que como a bússola, as guiava ao pôrto do destino.

E qual batel de luz, levado pela corrente, de manso a navegar na vastidão do Oceano, foram perder-se além, para as bandas do Sul...

Depois... voltou a paz... Emudeceu o sino da igreja branca...

E a praia, antes movida ao sucesso quando os primeiros sons quebraram o silêncio, tornou-se triste e muda como sempre.

Sòmente a lua, límpida e serena, rolava pelo Azul.

*

Algum tempo depois, nas praias da Juréa, para os lados de Iguape, era encontrada a imagem do Senhor!

Sòbre a tampa de cedro do caixão, seis botijas de azeite foram vistas...

.....

E desde então, na encosta do milagre, emitem aquelas pedras o som dos sinos, que plangem na solidão...

(Conclui no próximo número).

ANTÔNIO PAULINO DE ALMEIDA
da Sociedade de Estudos Históricos de São Paulo.